



©robert_fon/PhotoXpress

Tecnologias, currículo e formação docente



Jener Cristiano*

As Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) são realidades inquietantes e desafiadoras nas instituições de ensino em todo o Brasil. Porém, elas ainda não estão devidamente integradas a uma proposta curricular que permita o domínio dos usos e funcionalidades disponíveis, não possibilitando, assim, a percepção de suas potencialidades pedagógicas para que o professor possa incorporá-las às suas práticas de ensino. A escola que não prioriza o uso da tecnologia em seu currículo subutiliza os recursos (materiais e humanos) de sua instituição. São inúmeras as razões para que isso ocorra. Entretanto, proponho analisar um fator crucial: o tempo.

O desenvolvimento tecnológico ocorre muito rápido, e quando o professor adquire o letramento do hardware (máquina) ou do software (programa), logo em seguida ocorrem atualizações ou o abandono do suporte ao produto tecnológico. Por um lado, isso é positivo, porque permite a variação de ritmos e estratégias nas atividades pedagógicas. Por outro lado, dificulta as possibilidades de usos e apropriações por parte dos docentes. Esse fator é crítico, pois, se o professor não consegue se apropriar do recurso oferecido, dificilmente conseguirá desenvolver uma aplicação relevante e integrá-la de maneira significativa à sua área de conhecimento.

A escola que não prioriza o uso da tecnologia em seu currículo subutiliza os recursos (materiais e humanos) de sua instituição.

Esse processo de apropriação é complexo e demanda tempo. Tempo para desenvolver um conjunto de multiletramentos midiáticos inerentes às tecnologias emergentes. Entre tais letramentos, podemos citar o de tela/interface, o de máquina, o de mídia, o visual, o informacional e o de design da informação. Caso essas habilidades e competências sejam trabalhadas isoladamente, dificilmente os professores irão desenvolver aplicações e apropriações inovadoras em seus contextos de trabalho.

Ainda tratando do fator tempo, os cursos de formação continuada poderiam equacionar alguns dos problemas mencionados. Entretanto, em sua grande maioria, eles são, na verdade, descontínuos, porque têm duas estruturas básicas. A primeira seria aquela que focaliza os aspectos tecnológicos, ou seja, ensina como máquinas e programas funcionam. A segunda prioriza o pedagógico, utilizando a tecnologia como um mero suporte para as práticas de ensino, ignorando que essas ferramentas instauram novas linguagens e habilidades quando integradas ao contexto educacional. Dessa forma, com abordagens excludentes e desarticuladas, não há currículo que resista, pois, mesmo que a escola esteja adequadamente equipada com os mais recentes artefatos tecnológicos, os resultados não vão aparecer.

Para finalizar, um comentário provocador, para que docentes e gestores escolares repensem a estrutura de seus currículos quanto ao uso das ferramentas digitais: a tecnologia deve ser utilizada para mediar o processo, porém, jamais se deve desenvolver o trabalho inteiramente baseado nela. As soluções estão nas cabeças, não nas máquinas. ■

*Mestre em História, autor e consultor da Rede RCE Educação e Valores

www.rceonline.com.br